

MIGRAÇÃO E TERRITÓRIO: OLHARES DE UM GRUPO DE MIGRANTES SOBRE A REGIÃO DA CAMPANHA

MIGRATION AND TERRITORY: MIGRANTS' PERCEPTIONS OF THE CAMPANHA REGION

Grazielle Betina Brandt

Universidade de Santa Cruz do Sul - RS - Brasil

RESUMO: A globalização, além de produzir uma maior mobilidade de capital, bens e serviços, promove uma maior mobilidade das pessoas no espaço. A questão da apropriação dos espaços pelos migrantes desperta interesse no quadro dos estudos migratórios recentes, visto que os migrantes definem e redefinem constantemente suas relações com o território. Considerando que a migração implica em um processo de (des)territorialização, que não é sucessivo e ordenado, este artigo incita algumas reflexões a partir dos olhares e percepções que um grupo de migrantes estabelece em torno da região de origem. Através de uma abordagem qualitativa, o presente estudo se volta para a análise das percepções dos migrantes provenientes da região da Campanha (RS) e que atualmente estão estabelecidos na região metropolitana de Porto Alegre. Questões temáticas como o pertencimento, a identidade e o desenvolvimento regional foram priorizadas na análise e são frequentemente utilizadas pelos migrantes para (re) definirem a região de origem.

Palavras-chave: Migração. Identidade regional. Pertencimento. Região de origem. Desenvolvimento regional.

ABSTRACT: The term "globalization" describes increased mobility of capital, goods and services as well as greater mobility of people. In the past few years there has been a growing interest in the issue of ownership of the spaces by migrants in the context of migration studies, since migrants constantly define and redefine their relationships with the territory. Whereas migration implies a process of (de) territorialization, which is not consecutive and orderly, this article provides some reflections on migrants' perceptions about their milieu of origin. Through a qualitative approach, this study turns to the analysis of the migrants' perceptions from the Campanha region (RS) who are settling in the metropolitan area of Porto Alegre. It focuses on thematic issues such as the sense of belonging, regional identity and regional development, which are often used by migrants to (re)define the region of origin.

Keywords : Migration. Regional identity. Sense of belonging. Region of origin. Regional development.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo busca analisar as percepções do migrante em relação à região de origem. Os dados apresentados foram coletados a partir da adaptação de um instrumento inicial elaborado pelo GRMJ (*Groupe de recherche sur la migration des jeunes*)¹. O Conselho Regional de Desenvolvimento da Campanha – COREDE Campanha – foi escolhido como

¹ As atividades do *Groupe de recherche sur la migration des jeunes* (Grupo de Pesquisa sobre Migração de Jovens) são orientadas para o mapeamento e análise da mobilidade geográfica de jovens na província de Québec. A pesquisa compreendeu uma coleta de dados estatísticos (*survey*) em 1996 seguida pela realização de uma pesquisa qualitativa, a partir de entrevistas semidirigidas, realizadas em 2001, com a finalidade de melhor analisar a questão da migração de jovens quebequenses. A coleta e análise dos dados seguiram critérios estabelecidos por região administrativa.

região de análise. O COREDE Campanha é composto por sete municípios que estão localizados nas regiões fisiográficas da Campanha e da Serra do Sudeste. Os municípios de Aceguá, Candiota, Hulha Negra e Lavras do Sul possuem população inferior a 10 mil habitantes. Já os municípios de Caçapava e Dom Pedrito têm população superior a 30 mil habitantes, enquanto Bagé mantém a posição de município mais populoso do COREDE Campanha, ultrapassando 100 mil habitantes (IBGE, 2010).

Ao analisar a questão migratória em cidades de porte médio do Rio Grande do Sul, Correa (2005) observou que a mobilidade provoca múltiplas situações, sociais e econômicas, tanto para as regiões de origem quanto para as regiões de destino dos migrantes. De acordo com Correa (2003), a migração constitui-se a partir do deslocamento físico de pessoas e/ou de grupos no espaço geográfico, tendo repercussões múltiplas na construção de realidades regionais.

Bandeira (2004) infere que as desigualdades regionais ocasionadas pelo fenômeno da migração interna em um dado território despertam o interesse de pesquisadores na atualidade, à medida que contribuem para a construção de um processo de desenvolvimento diferenciado entre as regiões. Neste sentido, as desigualdades regionais podem afetar o ritmo da migração e promover certos destinos em detrimento de outros. A complexa realidade regional brasileira, marcada por assimetrias sociais, econômicas, políticas, culturais e históricas, acaba igualmente por desfavorecer determinadas regiões em detrimento de outras na perspectiva da migração de retorno.

Através da mobilidade espacial, os migrantes (re)constróem seus projetos de vida e suas perspectivas de futuro. Esta (re)construção dos projetos está baseada na leitura de valores do migrante, em que os papéis sociais são, muitas vezes, (re)definidos. Os projetos do migrante são formulados a partir de novos parâmetros e podem engendrar uma ruptura, definitiva, ou não, com o meio de origem. Neste sentido, a mobilidade é um elemento crucial no debate sobre o desenvolvimento regional (BARCELLOS; JARDIM, 2011).

Neste artigo, tem-se o interesse de averiguar como se organizam e se estruturam as relações que perpassam as dinâmicas territoriais do migrante estabelecidas com a região de origem. Questões temáticas que envolvem o pertencimento, a identidade regional e as perspectivas de desenvolvimento regional em relação à região de origem são (re) pensadas por este grupo de indivíduos em situação de mobilidade.

2 AS IMPLICAÇÕES DOS ESTUDOS MIGRATÓRIOS

A abordagem frequentemente adotada no eixo dos estudos migratórios contempla a linha conceitual de fatores *push/pull* (RAVEINSTEIN, 1980). A teoria da atração/repulsão é usada para identificar as causas e consequências da migração de grupos sociais específicos. Sendo que a tradição dos estudos migratórios ganhou notoriedade a partir dos escritos sobre as leis da migração (RAVEINSTEIN, 1980) e dos motivos e forças sociais que atraem ou expulsam as populações, enquanto representação da própria estruturação produtiva do capital e de suas necessidades. Além de buscar compreender os efeitos das migrações nas áreas emissoras e receptoras, grande parte destes estudos debruçaram-se sobre a assimilação dos migrantes nestas últimas (ROCHA-TRINDADE, 1995).

As teorias migratórias, nas últimas décadas, estavam fortemente amparadas em análises micro e macroeconômicas (OLIVEIRA; STERN, 1980; WOOD, 1982; SAYAD, 1998). Grande parte dos estudos se voltou às determinações econômicas e pouca importância foi

acordada à dimensão sociocultural do processo migratório. Ao atribuir prioridade à ótica econômica, o fenômeno migratório foi limitado à oferta e demanda da mão de obra em certas regiões (SILVA, 2003).

Contudo os modelos micro e macroeconômicos não conseguiram responder por que indivíduos com características similares, vivendo experiências semelhantes em um mesmo território tinham respostas diferenciadas perante a possibilidade de efetuarem ou não uma migração. Por conseguinte, ao analisar a migração e sua relação com o território, faz-se *mister* considerar não somente as questões estruturais, mas também simbólicas que levam alguns grupos a se deslocarem. Em outras palavras, o desenvolvimento das regiões depende do capital social de sua população, que interage diretamente com o capital físico e natural dos territórios.

Para além dos fatores econômicos, deve-se levar em conta a direção dos fluxos migratórios. A migração é influenciada por diferentes fatores e ocorre em múltiplas direções. As relações que o migrante estabelece com o seu “próprio mundo”, a inserção social e a integração as atividades profissionais são características importantes para melhor compreender o fenômeno migratório contemporâneo. Bernard (2002) observa ainda que as relações que os migrantes criam com o lugar de destino, assim como as relações que se conservam com o lugar de origem, promovem uma transformação dos espaços.

Os estudos recentes buscam levar em conta o lugar de origem e de destino dos migrantes, bem como o fato de que a migração pode se desenvolver em etapas. Ou seja, o percurso pode iniciar, por exemplo, no meio rural, seguir para uma cidade de pequeno ou médio porte até chegar ao espaço metropolitano (ROY, 1992). Recentemente reconhece-se a discussão para trabalhos acadêmicos que abordem a questão da migração de retorno e sua importância para o desenvolvimento de regiões (POTVIN, 2006).

Ramalho (2003) sugere ainda que fatores como a proximidade geográfica, o acesso aos meios de comunicação e o retorno influenciam o fenômeno da migração interna. Destaca que a estruturação das relações humanas, espaciais e temporais é inserida nas discussões inerentes aos fenômenos migratórios. As etapas do ciclo de vida também são elementos fundamentais em matéria de migração. Grande parte do movimento migratório se efetua em momentos distintos de vida (GALLAND, 1991; GAUTHIER, 1999). De acordo com Galland (1991), a passagem à vida adulta é frequentemente associada ao processo de inserção profissional. Silva (2003) evidencia que o trabalho favorece a autonomia do indivíduo *vis-à-vis* à estrutura social.

Como resultado de pesquisas recentes (GAUTHIER, 2000; LEBLANC, 2007) percebe-se que as condições estruturais e a posição social ocupada pelo migrante influenciam suas trajetórias. Ao mesmo tempo, a migração não é percebida somente como o resultado de condições objetivas que se impõe ao migrante, mas está ligada a um conjunto de situações subjetivas encontradas pelo migrante durante o seu percurso. Para Sen (2000) não é somente a maximização do rendimento, mas também as circunstâncias individuais e as disparidades nos contextos social e natural que marcam a experiência de “realização” do ser humano.

3 NOTAS SOBRE A QUESTÃO DEMOGRÁFICA NO RIO GRANDE DO SUL E NA REGIÃO DA CAMPANHA

Grande parte do movimento migratório no Rio Grande do Sul provém do fenômeno da migração interna, com predominância de fluxos de curtas distâncias, sendo que os fluxos intrarregionais têm dimensões consideravelmente maiores do que os inter-regionais, (BARCELLOS; JARDIM, 2004). Ainda de acordo com Barcellos e Jardim (2004), o Rio Grande do Sul tem conseguido diminuir o ritmo de crescimento de sua taxa de emigração, principalmente em direção a outros estados brasileiros. No entanto, a taxa de crescimento populacional está em descenso no Estado se comparada ao conjunto de regiões do país. A taxa de crescimento populacional do Estado no início do século 20 era de 3,26%, e em 2010 alcançou apenas 0,49% ao ano (BARCELLOS; JARDIM, 2011).

Cunha (2007), tendo como base os dados do IBGE em 2000 e do PNAD em 2004, nota que o Rio Grande do Sul, considerado um dos Estados mais atrativos do país para os migrantes, em função do seu índice de desenvolvimento humano, é o segundo do território nacional que mais perde população devido à migração. Da Mata e Oliveira (2008) ressaltam que na região Sul do Brasil um número maior de cidades, se comparadas às demais cidades de outras regiões brasileiras, se defrontam com o problema da “fuga de cérebros”. A emigração no Rio Grande do Sul aumentou significativamente até os anos 70, sendo os destinos preferenciais dos migrantes algumas regiões de Santa Catarina e do Paraná. Já nas décadas seguintes o fluxo teve como destino predominante a região Centro-Oeste. Os resultados do último censo demográfico apontam para 1.066.500 gaúchos residindo em outros estados brasileiros (IBGE, 2010).

Em estudo recente sobre o movimento migratório no Rio Grande do Sul, Barcellos e Jardim (2011) observam que existe uma relação entre migração e trabalho, ou seja, a mobilidade da população acompanha a divisão espacial da produção de mercadorias e serviços. Neste sentido, o corredor que liga a região metropolitana do Delta do Jacuí (Porto Alegre) à região da chamada Serra Gaúcha (Caxias do Sul) é o território com maior densidade populacional e forma a área de maior continuidade urbana do Estado. A diversificação das atividades industriais nas regiões da Serra e do Vale do Caí, aliada à crescente urbanização das regiões, atraem empreendedores e revelam traços de um desenvolvimento desigual no Rio Grande do Sul.

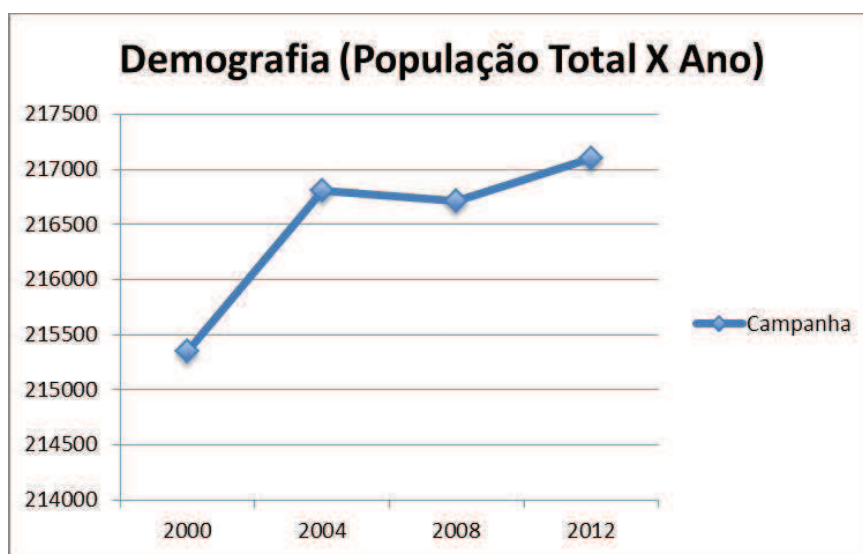
Entre as regiões do Estado que apresentam saldo migratório negativo no período entre 1995-2000 estão aquelas cujas atividades produtivas estão relacionadas a apenas um setor da atividade econômica. As regiões dos COREDES Fronteira Oeste (-12.738 habitantes), Médio Alto Uruguai (-14.701 habitantes), Missões (-1.760 habitantes) e Noroeste Colonial (-12.862 habitantes) foram as que apresentaram saldos negativos mais elevados (BARCELLOS; JARDIM, 2004). A população diminuiu consideravelmente em algumas regiões em função da crise na agricultura familiar e da limitada atividade industrial. Em alguns casos, algumas destas regiões têm cada vez mais consciência da sua vulnerabilidade.

Melo e Lisboa (2009) observam que as pequenas cidades irão diminuir ainda mais nas próximas décadas. Nesse aspecto, as regiões da Fronteira Oeste, Médio Alto Uruguai, Missões e Noroeste Colonial despontaram, uma vez que apresentaram, nesse período, os maiores saldos negativos no cômputo entre saída e entrada de população (BARCELLOS; JARDIM, 2011).

A região do COREDE CAMPANHA, com seus 18.240,9 km² de área, ocupa cerca de 6,47% da área total do Rio Grande do Sul. Já a população de 213.463 habitantes corresponde

a apenas 1.95% da população total do Estado. Análises para o período de 1995-2000 revelam um saldo negativo de -3.483 habitantes para a região da Campanha (BARCELLOS; JARDIM, 2011). O município de Bagé, sendo o mais populoso do COREDE CAMPANHA, foi o que mais sofreu perda da população total. Entre os anos 2000 e 2001, a perda foi de 4.046 habitantes. Em 2004, os dados revelam um aumento de habitantes se comparado aos anos anteriores (FEEDADOS, 2014). O gráfico 1 ilustra a densidade demográfica do COREDE para o período de 2000 a 2012.

Gráfico 1 – População Total do COREDE região da Campanha (2000-2012)

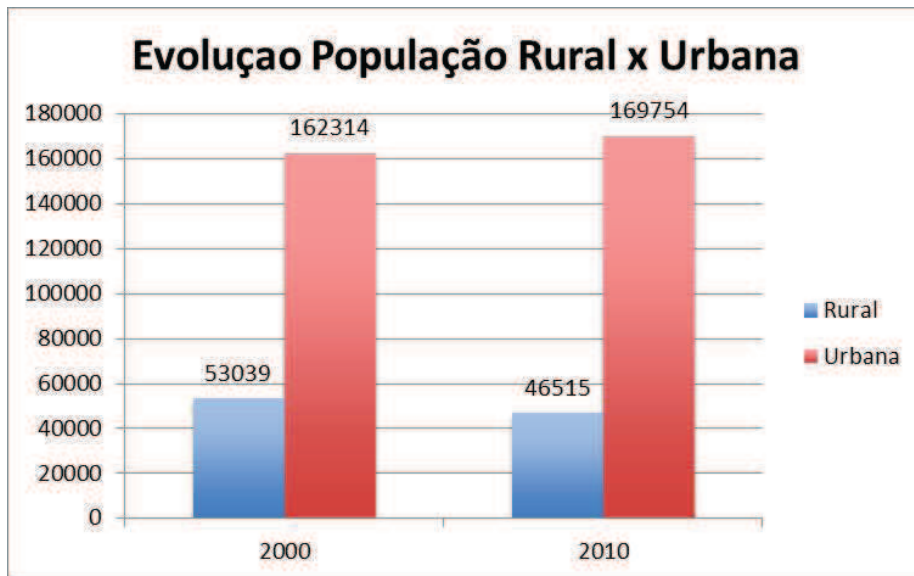


Fonte: Dados anuais por variáveis (FEEDADOS, 2014).

Em 2000, a região da Campanha tinha uma população total de 215.353 habitantes. Em 2004, a região sofre um aumento da sua população total para 216.809 habitantes. O saldo populacional no período de 2004 e 2008 era de 1.456 habitantes. Já no período entre 2004 e 2008, a população total declinou de 216.809 para 216.715 habitantes, representando um saldo negativo de -94 habitantes. Em 2012, a população total da região passou para 217.104 habitantes. Percebe-se, então, que no período de 2008-2012 houve um crescimento populacional de 389 habitantes.

Outro aspecto importante a ser observado refere-se à evolução da população no período entre 2000 e 2010, considerando os meios rural e urbano. Este dado é relevante, especialmente para analisar como ocorre a distribuição espacial da população na região da Campanha, como indica o gráfico 2.

Gráfico 2 – População total rural e urbana do COREDE região da Campanha (2000-2010)



Fonte: Dados anuais por variáveis (FEEDADOS, 2014).

Conforme os dados do gráfico 2, a região da Campanha possuía em 2000 uma população de 53.039 habitantes no meio rural. Em 2010, a população vivendo no meio rural declinou para 46.515 habitantes. Assim, para o período de 2000-2010 percebe-se um saldo negativo de -6.524 pessoas neste espaço. Os dados apontam que no meio urbano, em 2000, haviam 162.314 pessoas residindo neste meio. Em 2010, a área urbana conta com 169.754 habitantes. Para a área urbana, no período de 2000-2010, houve um saldo positivo de 7.440 habitantes.

Se os dados referentes à população total aumentaram timidamente nos últimos anos no COREDE da Campanha, uma análise da distribuição espacial desta população na última década, entre os espaços rural e urbano, revela que as áreas rurais continuam a perder sua população se comparadas às áreas urbanas. O sentido dos fluxos da população e da sua distribuição espacial sugere uma atenção a questões que envolvam as áreas urbanas e rurais de muitas regiões, uma vez que o ganho aparente sobre a população total pode mascarar as perdas das áreas rurais em relação às áreas urbanas de uma região, acentuando os desequilíbrios regionais e evidenciando a realidade de um país que continua a vivenciar um forte êxodo rural.

4 SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO, IDENTIDADE REGIONAL E DESENVOLVIMENTO: O CASO DOS MIGRANTES DA REGIÃO DA CAMPANHA

Os conceitos de identidade regional e pertencimento surgem atrelados ao processo de reflexão sobre o desenvolvimento local e regional contemporâneo. Quando ocorre uma migração é plausível pensar que as identidades regionais e o sentimento de pertencimento do migrante, em relação ao seu meio de origem, sofrem alterações, transformações e são, muitas vezes, colocados em questão ou reforçados (POTVIN, 2006).

O sentimento de pertencimento a um território ou coletividade faz parte das implicações

e dinanismos vinculados aos *approaches* das teorias do desenvolvimento não centralizadas (POTVIN, 2006). A partir desta ótica, o sentimento de pertencimento ou a identidade regional podem se constituir enquanto vetores de valorização construtivas do meio, do engajamento e das formas de vida dos migrantes. As relações com o espaço perpassam a construção identitária dos indivíduos, sendo que a construção da identidade individual é fruto das interações entre espaço, lugares e os indivíduos. Assim, a identidade regional é um processo em constituição permanente.

Bassand (1991) percebe que a emigração tem um papel importante na elaboração da identidade regional. Neste sentido, são as relações estabelecidas com outras regiões e os atores externos que constroem as imagens que os indivíduos ou grupos possuem em torno de uma identidade regional própria. A questão da identidade regional reflete o próprio desenvolvimento, uma vez que é fonte de ação do indivíduo para criação, inovação e autonomia (BASSAND; GUINDANI, 1983). Assim, a identidade regional torna o desenvolvimento regional possível, à medida que favorece a autonomia dos indivíduos, como fonte de participação destes na coletividade e como forma de pensarem o seu próprio *devenir*.

A identidade regional ainda é capaz de estimular um sentimento de pertencimento nos sujeitos, uma fonte de coesão social e uma vontade de agir no meio, (BASSAND; GUINDANI, 1983). No entanto, a identidade regional não é, por si só, símbolo do agir. Bassand (1991) sugere que uma identidade regional negativa pode desvalorizar a imagem de uma região e de seus habitantes, enquanto que uma identidade regional positiva poderá incentivar o sentimento de pertencimento à região.

O sentimento de pertencimento permite a produção de atitudes e opiniões próprias à construção da identidade regional. Para Moquay (1998), o sentimento de pertencimento se refere às relações sociais que vinculam o indivíduo a uma coletividade. As manifestações simbólicas que emergem do pertencimento estão ligadas aos aspectos emotivos e afetivos que surgem da coletividade da qual o indivíduo é membro. Potvin (2006) observa que o sentimento de pertencimento é condição intrínseca para ação de uma coletividade em um dado território.

Para realização da pesquisa foram entrevistados 10 migrantes provenientes da região da Campanha, com idade entre 20 e 34 anos, que no momento da entrevista moravam há mais de seis meses na cidade de Porto Alegre². Foi utilizado o modelo *snow ball* para seleção dos casos. O roteiro de entrevista semiestruturado foi adaptado de um estudo realizado pelo GRMJ (*Groupe de recherche sur la migration des jeunes*) em diferentes regiões do Québec. De maneira a respeitar o anonimato dos migrantes entrevistados, optou-se pela identificação baseada numa codificação composta pela sigla MI seguida pelo número de ordem de realização da entrevista.

A coleta de dados buscou documentar a evolução da situação dos migrantes a partir de momentos distintos do percurso migratório (momento anterior à partida, durante a partida, momento atual na cidade de destino e projeções de futuro). Os migrantes foram ainda questionados sobre a região de origem, numa perspectiva apontada para elucidar o presente e futuro da região. O estudo buscou evidenciar ainda as relações que estes migrantes estabelecem com a região de origem, tendo como linha temática de análise questões como o sentimento de pertencimento, a identidade regional e o desenvolvimento da região.

Os dados demonstram que os migrantes da região valorizam as tradições do homem

2 Pesquisa submetida e aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa da *Université du Québec à Rimouski* (UQAR) com Certificado de ética CÉR-53-217.

do campo, ligadas ao discurso regionalista “gaúcho” para estabelecer um sentimento de pertencimento em relação à região de origem. De acordo com Bourdieu (1986), o discurso regionalista apresenta um forte conteúdo identitário. Percebe-se que os entrevistados valorizam e legitimam seu pertencimento à região de origem:

Eu tenho orgulho de dizer que eu venho de lá, as tradições gaúchas lá são mais fortes que aqui. Eu acho que a cultura gaúcha é mais forte na minha região que em Porto Alegre. Nós compartilhamos este sentimento de identificação. (MI-03)

Tirando o fato de a região ser muito pobre economicamente, sobretudo na questão do trabalho, ela tem riqueza na cultura regional. Eu tenho orgulho de falar da cidade de onde eu venho, por causa da sua história. Eu fico feliz de saber que não nasci em Porto Alegre. Eu acredito que a cultura tradicionalista gaúcha é um sentimento que fala mais forte na minha região. (MI-08)

A identidade regional gaúcha é apresentada e representada na fala dos migrantes da região da Campanha. A identidade, nesse aspecto, é uma construção histórica dos seus sujeitos em uma interação espaço-temporal com a alteridade, com o outro, e que, em razão disto, se define e se afirma na diferença (BOURDIEU, 1986).

No olhar destes jovens, a identidade regional é percebida como balizadora do sentimento de pertencimento à região de origem. Esta ligação com a cultura regional gaúcha é descrita como um processo natural pelos migrantes, sendo transmitida de geração a geração. De acordo com Bezzi e Brum Neto (2008, p. 142), “[...]a fronteira e as guerras pela posse da terra não impediram a influência mútua entre as culturas portuguesa e espanhola que, por sua vez, agregaram códigos culturais dos nativos que já habitavam o Pampa”. Foram as relações estabelecidas entre essas três culturas que originaram o gaúcho do Rio Grande do Sul.

Neste processo de identidade em relação ao gaúcho há uma forte ligação com a terra. Para Bezzi e Brum Neto (2008, p. 144), os valores e crenças que perpassam a identidade regional do gaúcho referem-se a questões como “[...]respeito ao próximo, a família, o apego a terra, ou na linguagem regional, ao pago e ao tradicionalismo, além do nativismo, como formas de preservar a cultura gaúcha”. Este mesmo sentimento em relação à região de origem é percebido pelo migrante: de fato, eu tenho muito orgulho! Eu diria que este sentimento vem de uma questão regional, que é de estabelecer uma relação forte com a região, a terra. (MI-01)

Para alguns migrantes as tradições gaúchas se refletem em um “modo de ser” que caracteriza este grupo de migrantes, independente do meio em que escolheram para viver. Os relatos destes jovens demonstram, principalmente, a valorização dos costumes e tradições que tornam essa porção do espaço singular que delineou-se em virtude da atividade nos campos e dos códigos culturais que se desenvolveram mediante a fusão dos costumes das etnias que a compõem (BEZZI E BRUM NETO, 2008).

Mas se para uma parte dos migrantes, a cultura regional é o principal elemento que o liga a região de origem, a experiência metropolitana pode também modificar e (re)configurar os olhares em relação à região de origem. Uma parte dos entrevistados indica que a cultura regional e o sentimento de pertencimento ligado a terra, não são elementos indispensáveis:

Eu gosto da minha região, mas eu não tenho muito orgulho dela! Eu tenho boas lembranças da minha cidade. Algumas pessoas já morreram, como parentes e alguns amigos, dos quais eu tenho boas lembranças. Eu tenho boas lembranças da minha infância, de ter tido bons amigos lá, mas não tenho nenhum orgulho da região. (MI-04)

Eu gosto da minha (local de origem), mas a relação com a cidade natal se dá mais ao nível da família e dos amigos. Se eu não tivesse família e amigos lá, eu não teria mais razões para voltar. (MI-06)

Para os jovens acima mencionados, o sentimento de pertencimento à região de origem está voltado para aqueles que ficaram, como família, amigos e colegas. Assim, a manutenção das relações familiares parece ser o principal fator que une estes migrantes ao seu meio de origem. Para Haesbaert (1999), indivíduos e a sociedade se espalham cada vez mais sobre o espaço e, por conseguinte, são mais factíveis de fragmentação e de diferenciação.

Mesmo que os migrantes sejam filhos de grandes ou pequenos proprietários agrícolas, há uma situação comum na região da Campanha, pois eles rompem com esta condição ao migrarem. À medida que a família fica na região de origem, a migração não incentiva a reprodução da unidade de produção agrícola familiar. As práticas sociais destes migrantes revelam que a importância atribuída a terra e demais aspectos da identidade regional são relativizados. Este fato se produz em função das modificações no comportamento dos migrantes, sobretudo causados pelo estilo de vida metropolitano. Na visão de Bezzi (2008), analisar uma região é entender a dialética do mundo, aceitando o constante conflito entre o velho e o novo, na organização e desorganização do espaço.

Para Haesbaert (2001), há um efeito deslocador e descentralizador de identidades organizadas em torno de uma cultura, surgindo novas posições de identificação, mais plurais, menos unitárias e fixas. O processo de sincretismo está associado à identidade do migrante a partir do momento em que este é levado a experimentar uma realidade para além de suas fronteiras e se depara com outras identidades, com as quais ele se mescla, podendo ou não se desfazer das suas origens (CANCLINI, 2000).

Para caracterizar o presente e o futuro da sua região de origem, os migrantes enfatizaram questões como a precariedade dos empregos e a diminuição da população, resultada a partir das perdas demográficas, sobretudo da população jovem. Os entrevistados, em geral, caracterizam negativamente sua região de origem:

Eu acho que a região vai se manter estável ou se deteriorar. A população diminui e os empregos não existem mais. Não há nenhuma indústria. A maioria da população vive da agricultura e da pecuária, um setor que está deficitário. Eu não estou muito otimista quanto ao futuro da minha região. (MI-05)

De acordo com Chelloti (2005), a crise que afronta a região da Campanha é causada pela abertura de mercados e pela expansão de fronteiras agrícola em outras regiões do país. Em geral, estas questões afetam particularmente o modelo econômico regional que gravita em torno das grandes propriedades agrícolas e da produção no setor primário. Os migrantes, a partir de seus olhares, evocam o contexto econômico atual no qual a região da Campanha está inserida.

Chelloti (2005) observa que a população desta parte meridional do Estado, que já representou mais da metade da população do Estado por volta do século XVIII, hoje representa menos de 25% desta população. Além disto, a produção industrial da região da Campanha, que representava 35% do PIB do Estado na década de 1930, representa apenas 10% na década de 1990 (HEIDRICH, 2000). Para Leblanc (2007) é a falta de oportunidades no meio de origem que faz com que muitos jovens não pensem em retornar. Há, nos relatos de alguns migrantes, uma preocupação quanto ao futuro da região:

Eu acho que não há mudanças! É uma região de pessoas velhas e os jovens não ficam mais lá, pois não há oportunidades. Mas o que impressiona mais, é quando há um feriado, as pessoas que moram em Porto Alegre voltam para lá! Isso mostra que talvez haja algo bom na região, mas não há investimento. Os jovens não têm oportunidades, eles não têm emprego e não há perspectivas de desenvolvimento. (MI-07)

Nas duas últimas décadas, houve alterações significativas na dinâmica populacional da região da Campanha. Entre as mudanças estão o envelhecimento da população regional e a migração de seus jovens. Esta região do Rio Grande do Sul é marcada pela mobilidade espacial de sua população. Esta mobilidade se acentua com o êxodo rural, em que a estrutura econômica é insuficiente para reter a população, sobretudo para aqueles que buscam se qualificar em outras regiões.

Entre as questões estruturais apontadas pelos migrantes, alguns aspectos subjetivos foram evidenciados. O relato da migrante abaixo mostra que os valores tradicionais, muito presentes no comportamento das gerações de grandes proprietários agrícolas da região, são interpretados como um aspecto negativo da identidade regional para o processo de desenvolvimento regional:

Uma cidade, uma região, onde todo mundo se conhece, onde todo mundo sabe o que os outros vão fazer. Uma região que parou no tempo e que vive de valores antigos, tendo ainda um pouco esta mentalidade dos “coronéis”. É uma região que precisa se renovar, se quiser sobreviver. (MI-02)

Esta jovem migrante busca, através da convivência com valores e o estilo de vida urbano, elementos para uma confrontação com certos valores ditos tradicionais. Aborda aspectos que reforçam o estigma negativo atribuído ao sistema latifundiário praticado desde o período da colonização e considerado um dos elementos responsáveis pelo subdesenvolvimento da região. Giddens (1991) vê na modernidade atual uma deslocalização dos sistemas sociais, marcado pelo desaparecimento das identidades territoriais em detrimento de um universo de valores pouco localizado espacialmente.

A representação da região de origem pode, então, se modelar a partir da dialética entre a sociedade e o indivíduo, e, como tal, é formada por processos sociais, podendo ser modificada ou mesmo remodelada por relações sociais (BERGER; LUCKMANN, 1985). Já Frémont (1980) acredita que o indivíduo não é um objeto neutro no interior da região, à medida que emite valores sobre os lugares, é retido ou atraído e, conscientemente ou inconscientemente, engana-se ou é enganado. Este indivíduo é autor de um “espaço vivido” que aparece como revelador das identidades regionais (FRÉMONT, 1980).

Alguns, entretanto, possuem uma visão mais positiva sobre o presente e o futuro da região da Campanha. Observamos que as universidades podem se constituir enquanto instrumentos importantes de desenvolvimento regional na percepção destes jovens:

O futuro da (município de origem) não parece muito diferente, é uma cidade que se desenvolve de forma lenta. A longo prazo, eu espero melhores condições de trabalho. Hoje, talvez com a instalação da Universidade pode aumentar o número de cursos e de pessoas que vêm de outras regiões. Talvez a Universidade produza a qualificação da mão de obra e isso gere uma mudança positiva para a cidade. Mas é algo que vai levar tempo. (MI-03)

Eu acredito que a (local de origem) vai melhorar muitas coisas. Com

certeza, ela nunca será uma grande cidade, mas existe uma possibilidade de crescimento. Tem algumas iniciativas, como a Universidade, que pode levar a um melhor progresso da comunidade. Eu espero que isso aconteça, para que outras pessoas consigam ficar por lá, sem precisar migrar como eu (MI-09)

Eu venho de uma cidade que está passando por mudanças, por causa da implantação de uma universidade. Mas a cidade precisa ainda pensar no seu desenvolvimento econômico, atrair mais empresas. Continuar a estimular a agropecuária e a agricultura. Na (local de origem) há muitos agricultores e atividade agrícola, mas as novas gerações precisam mostrar aos mais velhos que a antiga forma de trabalhar não é mais eficaz. Com a presença da Universidade, aqueles que ficarão talvez consigam oportunidades. (MI-02)

Os migrantes acreditam que a Universidade será capaz de estimular a região em promover condições que favoreçam a criação de empregos e geração de renda e de contribuir para o desenvolvimento de atividades econômicas e a modernização da sociedade. Etzkowitz e Zhou (2007) argumentam que as universidades empreendedoras contribuem para o desenvolvimento regional. De acordo com Mathis (2001), as universidades possuem uma função transformadora, podendo assumir papel de promotoras no processo de desenvolvimento local e regional.

A universidade atua como empregadora e como geradora de fluxos de gastos dentro da região (HOFF et al, 2011). Neste sentido, há impactos dinâmicos de interação entre as universidades e as empresas localizadas na região, através de programas, pesquisas e de possibilidades de recrutamento profissional. Os migrantes evidenciam ainda o papel que a universidade poderá ter no processo de desenvolvimento da região da Campanha e na diminuição das disparidades econômicas.

Na visão destes migrantes, a Universidade oferecerá possibilidades de fazer com que os jovens permaneçam na região. De acordo com Drumond (2001), a existência de universidades propicia o “crescimento endógeno”, pois a formação de mão de obra qualificada acrescida da disseminação de desenvolvimento tecnológico é dinamizadora do desenvolvimento regional. A Universidade surge como um princípio gerador de uma economia baseada no conhecimento. A regulamentação institucional das ações da universidade é uma importante ferramenta na execução de políticas de promoção, difusão e transferência de conhecimentos com vistas à consolidação das economias regionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar o fenômeno migratório a partir do contexto da região de origem dos migrantes. Temáticas envolvendo questões sobre a região de origem e as perspectivas da migração de retorno ainda são questões pouco exploradas no campo dos estudos migratórios recentes. Os dados qualitativos revelam que para o grupo de migrantes analisados, provenientes da região da Campanha, o fato de terem um sentimento de pertencimento e de identificação com a região não estimula necessariamente o desejo destes migrantes em retornarem. A migração de retorno é um projeto vago e distante para estes migrantes, e quando estes se referem à região, o olhar está voltado para os que ficam, visto que eles não veem grandes perspectivas de investimento e de desenvolvimento a curto prazo na região. Em seus relatos, os migrantes evidenciam, sobretudo, a grande fragilidade

e instabilidade da região face às incertezas do mercado e seus reflexos nas formas de organização do trabalho.

No entanto, alguns fatores subjetivos ligados ao percurso migratório são ressaltados. Percebe-se a intersecção entre elementos culturais e sociais destes migrantes ao buscarem manter um sentimento de pertencimento em relação ao meio de origem, com “coisas” e pessoas que ficaram na região. Mas se para alguns migrantes a identidade regional se reforça em contato com a alteridade, para outros ela se mescla e se transforma em contato com o estilo de vida metropolitano. A experiência migratória está envolta em elementos que se articulam em torno do campo individual e das estruturas sociais e econômicas. No caso dos migrantes da Campanha, os fatores estruturais e econômicos exercem ainda uma grande importância na forma como estes percebem as possibilidades de retorno e visualizam o futuro da região.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Pedro (Org.). Atores Sociais, Capital Social e Desenvolvimento Regional: O Caso dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais. *Desigualdades regionais*, Salvador, v. 67, p. 219-250, 2004.
- BARCELLOS, T; JARDIM, M. *Os movimentos populacionais no Rio Grande do Sul: uma visão inter e intrarregional através dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento Econômico (Coredes)*. Trabalho apresentado Encontro de Economia Gaúcha. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Fundação de Economia e Estatística, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://www.abep.ncpo.unicamp.br>>. Acesso em: 5 abril de 2014.
- _____. Migrações no Rio Grande do Sul. *IGEPEC*, v. 15, número especial, Toledo, 2011. 326-341p. Disponível em: <<http://www.iperdes.pr.gov.br>>. Acesso em 1 maio de 2014.
- BASSAND, Michel. *Identité et développement régional*. Projet : culture et région. Conseil de l'Europe, 1991.
- BASSAND, M.; GUINDANI, S. Maldéveloppement régional et luttes identitaires. *Revue Espaces et Sociétés*, n. 42, 1983.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BERNARD, PHILLIPE. *Immigration: le défi mondial*. Paris: Éditions Gallimard, 2002.
- BEZZI, M.; BRUM NETO, H. Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. *Revista Sociedade e Natureza*, Uberlândia, v. 20 n. 2, p. 13-155, 2008.
- BEZZI, M. L. Região como foro de identidade cultural. *Geografia*, v. 27, n. 1, p. 5-19, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In : RICHARDSON, J. (Ed.) *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*. New York: Greenwood, 1986. p. 241-258.
- CANCLINI, *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CHELOTTI, Marcelo C. A dinâmica do espaço agrário no município de Santana do Livramento/RS: das sesmarias aos assentamentos rurais. *Revista de Estudos Geográficos*, Rio Claro, 3(1): 53-70, jan-jun, 2005.
- CORREA, Silvio Marcus de Souza. Migração e a (re) construção do capital social ». In: CORREA, Silvio M. de Souza. (Org.). *Capital social e desenvolvimento regional*. Santa Cruz

do Sul: Edunisc, 2003.

_____. *Mobilité spatiale des jeunes et dynamiques territoriales au Brésil*. Colloque Jeunes et dynamiques territoriales. INRS - Urbanisation, Culture et Société : Québec, 2005.

CUNHA, J. *A migração no Brasil no começo do século 21: continuidades e novidades trazidas pela PNAD 2004*. Atelier Nacional sobre Migración interna y desarrollo en Brasil: diagnóstico, perspectivas y políticas. Organizado por la Comisión Económica para América Latina y el Caribe, CELADE-División de Población, con el apoyo y auspicio del Banco Interamericano de Desarrollo. 30 de Abril, Brasilia, Brasil, 2007.

DRUMOND, J. G. de F. *O ensino superior e o desenvolvimento regional*. Universidade Estadual de Montes Claros, nov 2001. Disponível em <<http://www.unimontes.br/unimont/ensino.htm>> Acesso em: 10 abr. 2014.

ETZKOWITZ, H.; ZHOU. C. *Regional innovation initiator: the entrepreneurial university in various triple helix models*. Theme paper of 6th Triple Helix Conference, 2007.

FRÉMONT, Armand. *A região, espaço vivido*. Coimbra: Almedina, 1980.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA DO RIO GRANDE DO SUL. FEEDADOS. Disponível em: http://feedados.fee.tche.br/consulta/sel_modulo_pesquisa.asp. Acessado em: 15 maio 2014.

GALLAND, Olivier. *Sociologie de la jeunesse*. Paris: Armand Colin, 1991.

GAUTHIER, Madeleine. *La recherche sur les jeunes au Canada*. Quebec: Presses de L'université De Lava, 2001.

GAUTHIER, Madeleine et al. *Lien social et pauvreté : repérage et profil des jeunes précaires qui vivent seuls en milieu urbain*. Rapport de recherche INRSCulture et Société, 1999.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

HAESBAERT, R. da C. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z. et al. (Org.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

_____. Identidade e migração em áreas transfronteiriças In.: *GEOgraphia: Revista De Pós-Graduação em Geografia*. Rio de Janeiro, n. 5, ano III, p. 43-60, set. 2001.

HEIDRICH, A. L. *Além do latifúndio: geografia do interesse econômico gaúcho*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

HOFF, D; SAN MARTIN, A; SÖPENNA, M. Universidades e o desenvolvimento regional: impactos quantitativos da UNIPAMPA em Santana do Livramento. *Redes*, Santa Cruz do Sul, v. 16, n. 3, p.157-183, set./dez., 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo demográfico 2000. Migração e deslocamentos. Resultados da amostra.

LEBLANC, P. La migration des jeunes ruraux au Québec : impacts sur leur capital social, humain et spatial et apports au développement des régions. *Redes*. Santa Cruz do Sul, vol. 12, no 1, 2007. p. 151-166.

OLIVEIRA, O.; STERN, C. 1980. Notas sobre a teoria da migração interna: aspectos sociológicos. In: MOURA, H. (Org.). *Migração Interna – textos selecionados*. Banco do Nordeste do Brasil S.A., Fortaleza, 1980.

DA MATA, D.; OLIVEIRA, C. W. de A. Migração, Qualificação e Desempenho das Cidades Brasileiras. In: CARVALHO, A. X. Y. (Org.). *Dinâmica dos municípios*. Brasília: IPEA. 2008, p. 289-322.

MATHIS, Armin. Instrumentos para o desenvolvimento regional sustentável. *Revista do Centro de Estudos Administrativos e Contábeis*. Belém. v.2 n2, p. 19-30, 2001. Disponível em : <<http://www.ufpa.br/amazonia21/publicacoes/armin/Instrumentos.pdf>>. Acessado em: 15 mai. 2014.

MELO, Itamar; LISBOA, Sílvia. Economia que suga gente: O Rio Grande que se move. Reportagem jornal Zero Hora, no 15847. 13 janeiro. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2009.

MOQUAY, Patrick. *Sentiment d'appartenance et développement régional*. Espaces en mutation, direção de Serge Côté e Marc-Urbain Proulx. Rimouki, 1998.

POTVIN, Dominique. *Les jeunes adultes migrants de retour, un potentiel pour le développement de leur région d'origine*. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Université du Québec, 2006.

RAMALHO, José Pereirinha. *Desenvolvimento da Autonomia e da Identidade nos Jovens Portugueses com Experiência Migratória*. Lisboa: Fundação Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003.

RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração. Traduzido de Ravenstein, E. G. «The laws of migration. Journal of the statistical society, 47(1): 167-227. In: MOURA, H. A. (Org.). *Migração interna, textos selecionados: teorias e modelos de análise*. Tomo 1: 19-88. Fortaleza: BNB, 1980.

ROCHA-TRINDADE, M.B. *Sociologia das migrações*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

ROY, Jacques. *L'exode des jeunes du milieu rural : en quête d'un emploi ou d'un genre de vie*. Recherches sociographiques, vol. 33, n° 3, p. 429-444., 1992. Disponível: <<http://id.erudit.org/iderudit/056709ar>>. Acesso em: 10 maio 2009.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

SEN, Amartya Kumar. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, N. O esquema analítico e a classificação ocupacional. In: HASENBALG, C.; SILVA, N. V. (Org.). *Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida*. Rio de Janeiro: TopBooks. 2003. p. 37-54.

WOOD, Charles H. *Equilibrium and historical – structural perspectives on migration*. International Migration Review, 16 (2), 1982. p. 298-318.

Sobre a autora

Grazielle Betina Brandt

Bacharel em Comunicação Social. Doutora em Desenvolvimento Regional pela *Université du Québec à Rimouski* (UQAR) e docente do departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

E-mail: grazielle@unisc.br